



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

OLÍVIA RUTHYELLY VITÓRIA SOARES DE SENA

A OPRESSÃO DE GÊNERO E ETNIA EM *AMERICANAH*

**GUARABIRA - PB
2017**

OLÍVIA RUTHYELLY VITÓRIA SOARES DE SENA

OPRESSÃO DE GÊNERO E ETNIA EM *AMERICANAH*

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S474o Sena, Olivia Ruthyelly Vitoria Soares de.
A opressão de gênero e etnia em Americanah [manuscrito]
:/ Olivia Ruthyelly Vitoria Soares de Sena. - 2017.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura. 2. Mulher. 3. Opressão. 4. Chimamanda.

21. ed. CDD 813

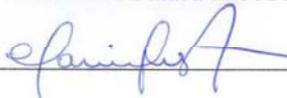
OLÍVIA RUTHYELLY VITÓRIA SOARES DE SENA

OPRESSÃO DE GÊNERO E ETNIA EM AMERICANAH

Trabalho apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras, da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, como requisito para a obtenção do
Grau de Licenciada em Letras.

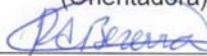
Aprovado em: 04/12/2017

BANCA EXAMINADORA



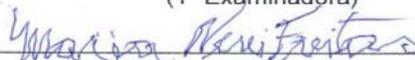
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Orientadora)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

Guarabira – PB
2017

A OPRESSÃO DE GÊNERO E ETNIA EM *AMERICANAH*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a questão racial e opressora sobre a mulher, representada na narrativa *Americanah* da autora Chimamanda Ngozi Adichie. Do ponto de vista cultural, esta opressão consiste frequentemente em sufocar costumes, língua e a religião. Na obra em questão, identificamos imediatamente a existência de diversidades e desigualdades sociais do contexto vivenciado por esta figura feminina negra. Para fundamentar essa discussão nos apoiaremos nos estudos étnicos de Fanon (2008), Carvalho (2010) e Collins (1989); e nos estudos sobre a mulher desenvolvidos por Perrot (2008), Chimamanda (2014) e Arraes (2014). No estudo do romance é possível discutir a caracterização da problemática opressora e da transformação da protagonista feminina ao mobilizar, em si mesma, uma série de condutas de resistência e desconstrução dos padrões opressores, característica marcante na obra em questão e na escrita de Chimamanda.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Mulher; Opressão; Chimamanda.

INTRODUÇÃO

Um livro que fala de uma história, outra história e muitas histórias, são artifícios para delinear a trajetória de jovens nigerianos para além das fronteiras do seu país. A vida das personagens Ifemelu e Obinze é feita em um percurso que envolve suas famílias, amigos, a Nigéria e depois o mundo, tudo isso envolto em vivências que denotam a existência de um preconceito que só existe à medida que saímos de um espaço circunscrito a nossa existência, o local de nascimento. Assim, a opção de iniciar o livro pelo momento em que se prepara para retornar à Nigéria, depois de ter conquistado um espaço na América, traz para Ifemelu a possibilidade de, entre tranças e memórias, reconstruir toda a sua trajetória passando pelas lutas e sonhos que permanecem no corpo de uma mulher que viveu entre dois mundos e conheceu os sabores e dissabores dessa dicotomia.

No romance *Americanah* (2014) Chimamanda Ngozi Adichie cria uma história de amor cheia de altos e baixos. O livro possui personagens bastante complexas, o que veicula a empatia e identificação do leitor com as características mais íntimas de

cada uma delas, um grande exemplo é a protagonista Ifemelu, uma mulher segura, mas que enfrenta suas dúvidas e tem que lidar com as questões raciais e de gênero. Com o decorrer do enredo, a personagem muda, grande exemplo de personagem esférica, ao passar pelo processo de amadurecimento e em consequência, torna-se mais forte.

Ifemelu é uma nigeriana de percepção aguçada que se muda para os Estados Unidos para estudar, e passa por dificuldades em seu período inicial no país. Com fatos impactantes, a autora Chimamanda consegue nos fazer perceber a importância dos acontecimentos marcantes da vida da personagem com extremo respeito, sem esquecer a representação do cotidiano. O livro começa com a inesperada decisão de Ifemelu de voltar à Nigéria. Ela já está nos EUA há treze anos, faz sucesso com seu blog que aborda questões raciais, possui um círculo de amigas e um namorado americano inteligente e bonito, características essas valorizadas e que, a primeira vista, não transparecem possibilidade justificativa de ser “abandonadas”. Ela só percebe quão é real a decisão, mesmo após todos os preparativos encaminhados, quando conta a Obinze, seu primeiro amor, sobre esse retorno iminente.

A narrativa é entrecortada por partes sobre Obinze, sob o ponto de vista de Ifemelu, o modo cativo de Obinze não parece estar em seu melhor ângulo. Ao contrastar o adulto e casado com uma mulher, que para ele é nada além de bonita e agradável, com o Obinze que Ifemelu descreve o “peso da vida adulta” sobre o bom humor da juventude. Porém cada vez mais se torna perceptível que ele se sente preso à vida artificial de luxo, obtida aceitando ser “laranja” de um dos abundantes negócios escusos de um homem influente. Ele também teve uma experiência como imigrante ilegal, mas diferentemente de Ifemelu, na Inglaterra, é muito interessante ver esse personagem, descrito como rico e poderoso, em uma situação de fragilidade social.

Em tempo, ao fato de que a discussão da imigração está em alta na atualidade internacional, chegando ao ponto de caracterizar o Mar Mediterrâneo como um cemitério de imigrantes que tentam alcançar a Europa em busca de melhores oportunidades, e o fazem viajando em barcos com segurança mínima, arriscando suas vidas. Em uma realidade em que a União Europeia opta por

abordagens insensíveis de prevenção da imigração em detrimento da segurança dos seres humanos que seguem as rotas inseguras para seu continente, é de extrema importância que uma obra que busca dar voz para os imigrantes seja evidenciada em suas possibilidades.

CHIMAMANDA: A voz da autora nigeriana na literatura africana contemporânea

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Abba na Nigéria em 1977. Mesmo jovem, Chimamanda já é considerada entre muitos como uma das grandes escritoras nigerianas cujo trabalho aborda os problemas que afetam o país, dentre eles o racismo. Além de ser vista como atuante feminista com produção de uma literatura engajada. Suas narrativas articulam as temáticas de opressão e resistência; Suas personagens, em diversos contextos, revelam este movimento de interação com o que as oprime e com suas possibilidades de resistência na contemporaneidade.

A autora Chimamanda é atualmente uma das autoras africanas mais lidas e conhecidas internacionalmente, retrato disso é que suas obras encontram-se traduzidas para várias línguas, especificamente em mais de 30 idiomas. Além disso, ela é considerada uma escritora talentosa, premiada por cada um dos seus romances que se debruçam sobre temáticas importantes para o povo nigeriano. Em 2008, recebeu a titulação de *Master of Arts em Estudos Africanos* pela Universidade de Yale. Ela também foi premiada com uma bolsa em 2011-12 pelo Instituto Radcliffe de Estudos Avançados da Universidade de Harvard.

Por escrever com maestria sobre mulheres, celebrando suas forças e capacidades, como acadêmica e feminista, a nigeriana revelou-se um exemplo celebrado da voz da escritora africana contemporânea Chimamanda, em sua palestra "O perigo de uma história única" no acrônimo de Technology, Entertainment, Design (TED) em 2009. Em março de 2012, ela realizou a palestra "Conectando Culturas", no evento Commonwealth Lecture 2012 at the Guild hall, em Londres. Realizou ainda, em 2012, uma palestra feminista no TEDxEuston intitulada, "Todos nós deveríamos ser feministas". Seu discurso foi incorporado em 2013 na

música "Flawless" da cantora americana Beyoncé, ganhando com isso mais notoriedade.

As faces da opressão étnica presentes na narrativa

A opressão pode ser definida como uma forma de poder, calcada no aniquilamento do outro enquanto sujeito que busca sua emancipação. A relação opressora implica, na negação do outro enquanto potência e enquanto sujeito político e de direitos. É uma relação de poder que visa manter o *status*, é uma forma de poder que existe, e existiu em diversas formas de sociedade ao longo da história, pois não foram poucas as experiências de opressão que ocorreram, subjugando a grande maioria da população.

A conversa entre duas personagens de *Americanah* (2014) exemplifica uma das diversas áreas em que o racismo se manifesta: a literatura. Shun, irmã de Flaine namorado de Ifemelu, está prestes a publicar um livro e reclama com a amiga sobre a censura que sofre de seu editor. Duas das cenas presentes no manuscrito da escritora abordam casos evidentes de racismo como situações tão flagrantes que o chefe de Shun pede mais "sutileza" e "nuance" no enredo – afinal, aqueles conflitos não podem ter como causa apenas a raça. Segundo ele, deve haver algo mais complexo, deve haver algo para além da implicação racial, insinua o editor, um romance não pode ser tão panfletário.

Se estiver falando com uma pessoa que não for negra sobre alguma coisa racista que aconteceu com você, tome cuidado para não ser amargo. Não reclame. Diga que perdoou. Se for possível, conte a história de um jeito engraçado. E, principalmente, não demonstre raiva. Os negros não devem ter raiva do racismo. Se tiverem, ninguém vai sentir pena deles. Isso se aplica apenas a liberais brancos, aliás. Nem se incomode em falar de alguma coisa racista que aconteceu com você para um conservador branco. Porque esse conservador vai dizer que VOCÊ é o verdadeiro racista e sua boca vai ficar aberta de espanto. (ADICHIE, 2014a, p. 240)

Essa situação é um ponto chave do romance para compreendermos a questão da opressão étnica no discurso literário na medida em que nos referimos a outro caso, citado por Chimamanda, em uma fala proferida durante o evento TED

Talos. Na palestra de 2009, quatro anos antes do lançamento de *Americana*, a nigeriana ilustra com diversos casos o que chama de “o perigo de uma única história”:

Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial.

Ela perguntou se podia ouvir a minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto.

Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. “Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela” (ADICHIE, 2009).¹

Essa pressão acerca do discurso do afro-americano se relaciona fortemente com o fato de o editor da personagem de *Americanah* não querer um “livro panfletário”, ou seja, que o romance tenha um tom de denúncia sem timidez, um tom de representação do racismo ativo, de revolta até, acerca desse problema que ainda recebe empenho em ser silenciado na sociedade contemporânea.

Já em outro momento na palestra, a autora explana sobre a unificação e, conseqüentemente, a restrição da representação do povo nigeriano. Os estereótipos não se tratam de uma marca genuína de uma identidade, mas de uma simplificação da mesma, ele não representam o sofrimento com autenticidade nem possibilitam a diversidade do subjetivo do povo africano. A opressão acerca da representação de uma Nigéria antiestereótipos citado pela autora, mas que não se recusa a tratar de temas não resolvidos como o racismo e a violência.

Em uma das passagens da palestra **TED (*Technology, Entertainment, Design*)**, conta ter recebido críticas de um professor sobre um dos seus primeiros livros *Hibisco Roxo*, cujo conteúdo seria a falta de uma “autenticidade africana”. “Minhas personagens dirigiam carros, elas não eram famintas”, diz Chimamanda,

¹ ADICHIE, Chimamanda. **Perigo de uma história única**, 2009. TEDGlobal. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br> acesso em: 10/10/16.

referindo-se à fala do professor. “Por isso, elas não eram ‘autenticamente africanas’.
(ADICHIE, 2009)²

Chimamanda alerta para o risco de sermos reféns de estereótipos, de narrativas únicas sobre determinados povos. Não à toa, essas histórias prevalecem dependendo de quem as conta normalmente, os que detêm poder, seja na forma de classe, raça, etnia ou gênero. A narrativa que costumeiramente chega sobre o continente africano a despeito da homogeneização sobre a África, ignorando particularidades de cada país –não condiz com pessoas de classe média que dirigem carros, como no romance de Chimamanda criticado pelo professor. Conhecemos apenas a fome e a selvageria desumanizada de um “outro” que sempre nos é estranho.

Evidentemente, não se trata de negar a existência de problemas sociais no continente africano, por exemplo. Em seu discurso, Chimamanda rapidamente argumenta que o problema dos estereótipos não reside no fato de que eles são mentirosos, mas incompletos. “A insistência nas simplificações da opressão e possibilidades” porque experiências negativas não estão essencialmente ligadas a estereótipos, personagens complexas têm experiências muito ruins, reiteradas das mais diversas formas, torna superficial a leitura de um povo para quem não conhece as outras histórias que o compõe. Assim, as narrativas dominantes são tomadas como as únicas existentes logo, verdadeiras, aplicadas a povos inteiros. Reduz suas histórias, apaga suas identidades.

O preconceito na obra aparece sem floreios, cru como a realidade. No entanto, o enredo em *Americanah* também traça outros caminhos, eles podem soar românticos ou demasiadamente presos ao cotidiano para os mais desavisados, embora demonstrem situações tão políticas quanto às postagens no blog de Ifemelu. Por isso, as cenas comuns em *Americanah* (2014) são importantes quanto às observações de Ifemelu sobre o comportamento racista de uma sociedade americana tentando se reconciliar com seu passado escravocrata.

² ADICHIE, Chimamanda. **Perigo de uma história única**, 2009. TEDGlobal. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br> acesso em: 10/10/16.

Não é à toa que Chimamanda dedica algumas páginas para falar da música nigeriana (*Yori* é a trilha sonora das viagens de Ifemelu e Obinze), Nollywood (a indústria de cinema na Nigéria) ou o sistema educacional americano, em determinado momento do romance Ifemelu diz ao primo criado nos Estados Unidos: “quando eu era da sua idade, já fazia divisões simples” (ADICHIE, 2014a, p. 96). São observações aparentemente triviais, colocadas com uma intenção clara: elas se traduzem na ideia da autora em representar as múltiplas histórias de um povo, evitando confiná-los apenas em uma única narrativa.

Essas diversas camadas que se intercalam nos conflitos na obra, não estão construídas como uma forma de apagar, minimizar ou tornar mais tragável o horror de uma sociedade francamente racista. Chimamanda é uma autora preocupada em nos mostrar outras facetas: estamos tratando, afinal de contas, de uma história de amor (e a chave está aqui: sim, existe amor na Nigéria a despeito da miséria, das ditaduras e de tantas outras narrativas reducionistas).

Mulheres afro e o feminismo

Audre Lord (2007) afirma que a invisibilidade de mulheres negras é o resultado da visibilidade distorcida pela cultura e do silêncio imposto a elas. A noção de irmandade promovida por feministas brancas assentava na crença de que todas as mulheres sofriam do mesmo tipo de opressão: a patriarcal. O que revelou-se, graças ao trabalho efetuado por várias feministas negras, um conceito oco, falso e hipócrita.

A figura de Audre Lorde ocupa, por razões diversas, um lugar central no feminismo contemporâneo. Primeiro porque ela é, junto com Ângela Davis e Bell Hooks, uma das principais vozes do feminismo afro-americano. A partir das margens da academia e da legitimidade que lhe dá a sua própria história, é também precursora da chamada crítica descolonial, a voz de Audre Lorde é imortal. Uma voz que vai para o coração do conflito para nomeá-lo.

O feminismo negro aponta com um arcabouço teórico crítico muito importante para se analisar a sociedade, conforme Audre Lorde:

Como mulheres, alguns de nossos problemas são comuns, outros não. Vocês, brancas, temem que seus filhos ao crescer se juntem ao patriarcado e testemunhem contra vocês. Nós, em contrapartida, tememos que tirem os nossos filhos de um carro e disparem contra eles a queima roupa, no meio da rua, enquanto vocês dão as costas para as razões pelas quais eles estão morrendo. (LORDE, 1979, p. 134)

Essa citação de Lorde evidencia que mulheres negras possuem realidades diferentes, e mais, que a luta tem como mote a interseccionalidade.

O feminismo tem um papel relevante na escrita de uma nova historiografia que enriqueça a narrativa histórica com perspectivas que inscrevam a mulher como agente no processo social. Enquanto parte do grupo dos excluídos, ela pode problematizar a visão do processo histórico como uma série de políticas de poder que ganham em ser vistas de forma inter-relacionada, porquanto o sistema gênero sexo atravessa todas as esferas da estruturação social.

Se os feminismos afro-americanos criticaram fortemente os feminismos brancos de mulheres de classe média por se esquecerem, convenientemente, da realidade e desigualdades com que as mulheres negras se deparava dos feminismos africanos, por sua vez, lutaram e exigiram do feminismo ocidental incluir na sua análise outros aspectos muito importantes que iam para além as questões de gênero, tais como colonialismo e imperialismo (ARRAES, 2014)³

Segundo Collins (1995) o ponto de vista das mulheres negras é definido a partir da opressão vivida por elas, ou seja, a partir do lugar que ocupam na estrutura social. A experiência de ser mulher negra difere do que é ser mulher e de quem não é negro. A perspectiva do ponto de vista expressa que a realidade é construída com base na sua própria experiência, na experiência da opressão para resistir, possibilitando criar uma consciência independente, o que favorece o pensamento feminista negro.

É com base nas ações do dominador que as mulheres negras desenvolvem um ponto de vista próprio, calcado na experiência da opressão (no cotidiano) e numa atitude de resistência. Collins (1989) evidencia a interdependência do ponto de vista das mulheres negras e do pensamento feminista negro, níveis de conhecimento diferentes e interdependentes, uma espécie de teoria validando a prática e vice-

³ ARRAES, Jarid. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>> Acesso em: 11/10/2016.

versa. Esse primeiro conhecimento é dado pelo cotidiano, garantindo conhecimento compartilhado pelo grupo e percebendo a realidade a partir do ponto de vista das mulheres negras.

O conhecimento é representado pelo pensamento feminista negro, um conhecimento mais especializado fornecido por especialistas que fazem parte do grupo e expressam o ponto de vista do grupo. O pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida. Isso é feito com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe. Ele oferece ferramentas de resistência para as subordinações vividas pelas mulheres afro-americanas.

A autora chama atenção na obra que a tentativa de articular o ponto de vista das mulheres negras com o pensamento feminista negro pode ser suprimida pelo conhecimento controlado pelo homem branco, sobretudo quando exclui as mulheres negras da literatura básica, de experiências educacionais qualificadas, de faculdades e posições administrativas, limitando acesso das mulheres negras para influenciar posicionamentos acadêmicos.

O caminho de exclusão da maioria das mulheres negras do processo de validação do conhecimento permite que poucas mulheres negras adquiram posições de autoridade em instituições que legitimam o conhecimento, encorajando-as a trabalhar a partir de pressupostos da inferioridade feminina negra compartilhada pela comunidade acadêmica e pela cultura como um todo.

Consequentemente compreender a perspectiva de representação literária destes contextos opressores referenda a análise descritiva da contextualização de seu lugar enquanto sujeito tensionado pelas opressões das estruturas patriarcais onde interseccionam questões étnico-raciais. Desta forma, destacaremos a seguir as características do contexto da personagem feminina negra imigrante.

A representação da mulher negra imigrante

A obra é narrada em terceira pessoa, com narrador onisciente. Os espaços principais na obra são a Nigéria, Estados Unidos e Inglaterra. Em *Americanah*,

(2014), os personagens Ifemelu e Obinze partem de uma geração de nigerianos que migram para os Estados Unidos (Ifemelu) e Inglaterra (Obinze), onde tentam construir uma vida nova. Há que salientar que tanto Ifemelu quanto Obinze são indivíduos que, ao perceber as condições sócio-políticas que afetam a Nigéria e o Sistema educacional do país em declínio, decidem buscar uma vida melhor em outros países, por achar que esta seria a melhor opção. Ifemelu, por ser mulher, negra, africana, imigrante e nigeriana, é estereotipada e subjugada durante vários momentos da narrativa como empregada doméstica, prostituta, entres outras profissões que são consideradas como inferiores pelos norte americanos.

Alguns dos casos mais simbólicos de racismo acontecem de forma sutil no universo de *Americanah*, embora o leitor perceba a maneira escancarada com que o preconceito se desvela graças à escrita bem humorada de Chimamanda, repleta de ironia. Quando Ifemelu acompanha sua amiga Ginika na compra de um vestido, ambas são atendidas por uma vendedora negra.

No caixa, a funcionária deseja identificar quem as atendeu, a fim de pagar a comissão e um conflito se estabelece. Há uma tentativa de identificação pelo nome: “Chelcy ou Jennifer?” (ADICHIE, 2014a, p. 108), mas Ifemelu e Ginika não se lembram; A segunda tentativa pelo cumprimento do cabelo: “Foi a de cabelo comprido?” (ADICHIE, 2014a, p. 108), mas as duas tinham cabelo comprido; E por último a identificação pela cor do cabelo: “Foi a de cabelo preto?” (ADICHIE, 2014, p.108), mas as duas tinham cabelo preto. Na saída da loja, Ifemelu questiona a amiga: “Por que ela não perguntou se tinha sido a negra ou a branca?”. “Porque aqui é a América. A gente tem que fingir que não nota certas coisas”. (ADICHIE, 2014a, p. 108).

A dificuldade em lidar com temas raciais é cristalizada na personagem Kimberly, chefe de Ifemelu no primeiro emprego como babá. Generosa e frágil, Kim vive utilizando o adjetivo “lindo” para designar homens e mulheres negras. No primeiro encontro com Ifem, pergunta qual o significado do seu nome, ao que a jovem responde não saber. “Amo nomes multiculturais”, diz a chefe, “porque eles têm significados maravilhosos de culturas maravilhosas e ricas”. O narrador acrescenta: “Kimberly estava dando o sorriso benevolente das pessoas que pensam que ‘cultura’ é uma propriedade estranha e pitoresca de pessoas pitorescas, uma

palavra que sempre tinha de ser acompanhado do adjetivo 'rica'. Ela jamais acharia que a Noruega tinha uma 'cultura rica'" (ADICHIE, 2014a, p.125).

Existe uma imposição de Ifemelu para que ela não use o sotaque do inglês nigeriano, mas sim que tente de todas as formas adequar sua fala à pronúncia americana, posto que o inglês nigeriano é extremamente marcado pelos aspectos culturais da Nigéria, sendo uma língua altamente hibridizada, devido ao alto número de distintas etnias naquele país. "*Americanah!*", brincava Ranyinudo sempre:

Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações! (ADICHIE, 2014a, p.417).

A narrativa do romance *Americanah* não mantém um tempo cronológico, começa quinze anos depois que Ifemelu deixar a Nigéria e se encontrar em um salão de beleza para escolher um penteado e voltar a sua terra natal. No momento em que ela é atendida, o narrador mergulha nas memórias de Ifemelu, levando o leitor a infância da personagem. Importante destacar que Ifemelu não vai a um salão especializado em cabelos de pessoas brancas, mas sim a um especializado em tranças africanas. Ela descreve o ambiente da seguinte forma:

Ficavam na parte da cidade onde havia muros pichados, prédios cujo interior era escuro e úmido e onde não se via nem uma pessoa branca; tinham letreiros coloridos com nomes como Salão Especializado em Tranças Africanas Alisa ou Fatima, tinha aquecedores que faziam a temperatura subir demais no inverno e aparelhos de ar condicionado que não esfriavam o ar no verão, e estavam repletos de funcionárias francófonas da África Ocidental, sendo que uma delas seria a proprietária, aquela que falava inglês melhor, atendia ao telefone e era respeitada pelas outras. (ADICHIE, 2014a, p.16).

Assim que Ifemelu começa a ter o cabelo trançado, lembra-se de quando era criança e de como era viver em seus pais. Lembra-se também de quando sua mãe, após ser convertida para o cristianismo, cortou todo o cabelo em busca de uma redenção divina, pois para o cristianismo como também para outras religiões o cabelo é símbolo de identidade. Ifemelu cresceu a sombra do cabelo da mãe, sempre se questionando o porquê de ela ter tomado essa decisão, já que para a garota, sua mãe tinha o cabelo mais bonito do mundo:

Era preto pretinho, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosas, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração (ADICHIE, 2014a, p. 49).

A relação do cabelo na obra é uma questão muito forte, pois retoma a identidade de uma pessoa negra que, durante toda a construção histórica, tem seu cabelo como marca, principalmente quando se refere ao racismo. No livro *Minha história das mulheres* (2006), a francesa Michelle Perro destaca um ponto importante sobre a mulher, pois o cabelo está ligado à identidade do indivíduo. Perro (2006) aponta a autovalorização da beleza da mulher como uma necessidade que precisa ser mantida para elas serem aceitas socialmente, já que o atributo de participar de grupos intelectuais/sociais é apenas para homens. Para Perrot, essa valorização da beleza feminina vem da cultura judaico-cristã. A mulher deve sempre manter uma boa aparência e os cabelos sempre longos (porque representam a sedução). A autora ainda afirma, com ironia: “Seja bela e cale-se” (PERROT, 2006, p.50).

Da mesma forma Perrot (2006) discorre sobre o cabelo: “O pelo está duplamente colado ao íntimo, por sua penetração interna, por sua proximidade com o sexo. Suas raízes penetram no corpo, ‘Eu-pele’, [...]. O pelo recobre o sexo” (PERROT, 2006, p.51). Existe a dominação do homem sobre a mulher em relação ao cabelo, como se o cabelo dela pertencesse a ele, assim como a virgindade. O cabelo da mulher que vai dizer sobre ela, se está despenteado representa a animalidade feminina, como se definisse uma identidade, dissesse quem realmente é através do modo como o penteia. Embora exista a dominação do homem com a mulher durante a história da humanidade, como cita Perrot (principalmente quando se fala do cabelo), Ifemelu não se encaixa nos padrões de uma mulher de feminilidade frágil. Durante o romance, tanto ela quanto Obinze fazem uma inversão quando se comparam aos costumes de uma sociedade patriarcal. Obinze é frágil, emotivo e não é tão forte emocionalmente como Ifemelu, que é uma mulher esperta e independente, tendo muitas vezes uma personalidade completamente oposta a dele. Vejamos o diálogo:

A gente não vai se beijar?, perguntou ela.
 Ele tomou um susto. ‘De onde veio isso?’.
 ‘Só estou te perguntando. Estamos sentados aqui há tanto tempo’.
 ‘Não quero que você pense que só quero isso’.
 E quanto ao que eu quero? (ADICHIE, 2014a, p. 482)

Até mesmo o amor entre Ifemelu e Obinze não escapa de uma análise que contempla questões políticas. É ela quem toma a iniciativa do primeiro beijo, em uma cena memorável que se correlaciona com o posicionamento feminista. A personagem Ifemelu é caracterizada como uma mulher que não abdica de seus próprios desejos e sua atitude questionadora do lugar de consideração deles compreende uma configuração de um relacionamento em que a voz feminina se articula e questiona a perspectiva da masculinidade hegemônica em não considerar o desejo da mulher, pauta combativa do movimento feminista.

Em 2015, Chimamanda foi convidada para discursar na formatura da universidade americana Wellesley. O término de sua fala lembrou aos estudantes “a coisa mais importante do mundo: o amor”. A autora finaliza: “garotas são frequentemente criadas para entenderem o amor apenas como doação. (...) Mas amar é dar e também receber. Por favor, amem dando e recebendo”. (ADICHIE, 2015)⁴ Assim como a trama de *Americanah* em que nada é apenas aquilo que parece, o fio condutor do romance entre Ifemelu e Obinze não é simplesmente uma história de amor. É uma história política.

EUA – NIGÉRIA: Ifemelu, a “Americanah”

Durante o desenvolvimento da obra, já nos Estados Unidos, a referência de “casa” que a protagonista Ifemelu encontra é a casa de sua tia Uju, personagem que se enquadra no tipo de sujeito colonizado que não aceita a sua origem e que busca sempre o seu apagamento nacional: “Ela evitava tomar sol e usava cremes que vinham em frascos elegantes para que sua pele, naturalmente clara, ficasse ainda mais clara, mais luminosa e ganhasse uma camada de brilho” (ADICHIE, 2014a, p.83). Esse comportamento da tia Uju vai se estender por praticamente toda a obra, não querendo afirmar-se como africana. Barzotto (2011) define-os como:

⁴ ADICHIE, Chimamanda, 2015, Wellesley College Commencement Speaker. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-nao-silencie-essa-voz/#gs.52c53921cd104237945a6c8f5989978c>> acesso em: 10/10/16.

[...] sujeitos que não se aceitam enquanto tal e 'vestem' a máscara do colonizador para ter a aceitação dele, para pertencer ao centro e não a margem, para incorporar a sistema colonial e desfrutar, porventura, dos benefícios dessa 'aliança'. (BARZOTTO, 2011, p. 25).

Mesmo na espera de um mundo de riquezas, de sonhos idealizados que acreditava estar na América, Ifemelu não o alcança. A repressão que a personagem encontra ao chegar aos Estados Unidos é maior do que a que ela causa a si mesma. Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Franz Fanon explica que, devido à colonização e ao sofrimento causado ao negro durante a construção histórica da humanidade, é comum que esse indivíduo tenha medo de se aceitar: "O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano" (FANON, 2008, p.127).

Mesmo quando tia Uju sofre a ação da diáspora "individual", ela se nega a sentir saudade, a nostalgia da vida que tinha, porque a personagem transparece que assumir a sua identidade é também "(...) assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização" (FANON, 2008, p. 33). No que diz respeito a sua língua materna, tia Uju carrega ainda o mesmo sentimento de esquecimento, porque ao ir embora da Nigéria Uju deixa o país grávida de um nigeriano, mas conforme seu filho vai crescendo na América, ela não compartilha a história da Nigéria com o menino, sendo questionada muitas vezes por Ifemelu:

Dike, ponha isso lá de volta', disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se. (ADICHIE, 2014a, p.120).

Nesta linha de pensamento Fanon (2008, p.33) explica: "O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro". Nesta mesma linha de pensamento, o destaque de Fanon pode se relacionar ao comportamento específico da personagem tia Uju "[...] é uma consequência direta da aventura colonial" (FANON, 2008, p. 33). Tentar se aproximar do colonizador é uma das formas (se não a mais lógica) de se camuflar dentro do espaço do outro, e uma necessidade de aproximação e sobrevivência.

Por fim, os anos se passam, Ifemelu constrói sua vida, sem nunca se esquecer de onde veio. Cria um blog para denunciar questões raciais e xenofóbicas:

“Aquilo teria dado um bom post para o blog. ‘Um caso peculiar de uma negra não americana, ou como as pressões da vida de imigrante podem deixar você maluco’” (ADICHIE, 2014a, p. 25). A personagem alcança uma vida financeira estável para voltar à Nigéria, reencontrar seus pais, amigos e Obinze. Ifemelu se multiplicou em faces, pessoas e personalidades durante quinze anos para sobreviver da forma que achou necessário, sem nunca se esquecer de quem realmente é o lugar ao qual pertence, uma Nigéria diferente, uma pessoa diferente, porém em casa, aonde todos são iguais independente de cor.

Ifemelu: identidade e resistência

A narrativa em estudo mostra um sentimento de injustiça, e o ressentimento dessas personagens é perceptível sem torná-las unidimensionais. Vale ressaltar que nenhuma personagem secundária é opaca. Cada uma delas tem nuances apreciáveis, o amadurecimento de Ifemelu, ela é uma personagem realista, atenta a tudo à sua volta, sincera e com um senso de humor sagaz que foi o que chamou a atenção de Obinze quando eles eram adolescentes. A personagem consegue perceber questões raciais, sociais e de gênero sem permitir que isso infiltre amargor em sua vida, não deixando de ser incisiva. A autora consegue discutir essa questão na narrativa sem deixar o livro forçado ou panfletário:

Eles nos dizem que raça é uma invenção, que existe mais variação genética entre duas pessoas negras do que entre um negro e um branco. Mas então dizem que as negras têm um tipo pior de câncer de mama e maior predisposição a tumores no útero. E que os brancos têm mais fibrose cística e osteoporose. Então, qual a verdade, médicos presentes? Raça é uma invenção ou não é? (ADICHIE, 2014a, p. 327).

A obra é dominada por um sentimento de saudade profunda, uma nostalgia viva por um lugar que se sabe muito bem já não existe da mesma forma que se constrói em sua memória, um conceito de “lar” que só pode existir no passado. Durante toda a narrativa da experiência dela nos EUA, somos expostos ao racismo indisfarçável do país, que em muito se parece com a situação brasileira, tendo como única diferença o discurso falso de democracia racial que reina no Brasil. É falso

afirmar que o Brasil não é um país racista. Viver nesta afirmação não se trata somente de “tapar o Sol com a peneira”, mas de continuar permitindo um quadro social que favorece uma população de elite e branca, ou, pelo menos, de pessoas que se identificam com isso.

A fragilidade social, a qual aparentemente todos estão sujeitos a passar em algum momento na Nigéria, devido às instabilidades políticas e econômicas, tem exemplos abundantes no romance, a começar pelos pais de Ifemelu. Seu pai foi demitido após se recusar a chamar a chefe de “Mamãe”, e nunca mais conseguiu emprego, e viu sua esposa se envolver cada vez mais fanaticamente com uma Igreja. Tia Uju, a tia favorita da protagonista, foi amante de um importante general do regime, e quando seu filho completou um ano, o homem foi morto e com ele se foi todo o conforto que ele lhe proporcionava. Ela também se muda para os EUA, com Dike ainda pequeno, com intenção de terminar a faculdade de medicina iniciada na Nigéria.

Ifemelu não é vítima apenas de preconceito escancarado, na maioria das vezes são aqueles comentários aparentemente inofensivos que acabam escondendo uma mentalidade extremamente racista. Na Nigéria, sua cor não era um problema, mas na América ela percebe mais claramente o racismo, como no trecho a seguir:

Querido negro Não Americano, quando você vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação na sociedade de Ex-Crioulos. (ADICHIE, 2014a, p. 239).

Essa é uma fala da personagem Ifemelu em um momento de resistência e representação da luta da mulher negra. A mulher negra precisa ser valorizada não só pelos deliciosos quitutes, pelo seu molejo contagiante, pelo corpo sensual, mas principalmente pelas suas qualidades como ser humano, pelos seus dotes intelectuais, o mundo tem mostrado que é tempo de mudança, os Estados Unidos elegeu um presidente negro, os avanços raciais estão ocorrendo.

A melhoria da posição social do negro e especificamente da mulher negra é resultado de um esforço gigantesco. Homens e mulheres afro descendentes têm

lutado para levar dignidade ao povo negro, resgatar a sua identidade e auxiliar na busca da ascensão social.

Segundo a autora, em sua obra “Sejamos todos feministas” (2014):

Muita gente diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. Tenho duas sobrinhas gêmeas e lindas, de 15 anos. Se tivessem nascido há 100 anos, teriam sido assassinadas. Há 100 anos, a cultura Igbo considerava o nascimento de gêmeos como um mau presságio. Hoje, essa prática é impensável para nós. [...] A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossa cultura, então temos de mudar nossa cultura. (ADICHIE, 2014 b, pág. 137)

Atualmente, o feminismo é plural, para garantir a incorporação das diferenças nas relações de poder, vivenciadas entre mulheres que guardam interesses diversos e até contraditórios, pois há mais de um século que lutavam pelo sufrágio universal, além de exigir plena igualdade dentro e fora do mercado de trabalho, combatemos a objetificação da mulher na mídia, a violência doméstica e sexual e o assédio (e muitas outras coisas que preferem ignorar e marginalizar a investigar). As mulheres negras, como Chimamanda, que sofrem racismo, são ainda mais objetificadas (são sempre as “exóticas” e “arretadas”) e discriminadas. Com as próprias palavras de Adichie “Não há nenhuma garota de pele escura que é A Gatinha, ela é sempre A Séria, A Amiga ou A Audaciosa. Nunca é a pessoa pela qual torcemos” (ADICHIE, 2009⁵)

Considerações finais

Após a leitura do texto focado na personagem Ifemelu, do romance *Americanah* (2014) de Chimamanda, é possível concluir que a representação da subdivisão de classes, em um contexto já dividido, coloca a mulher negra como subalterna. Entretanto, a marca da subalternidade sempre paira sobre as opiniões expressadas por essas mulheres que lutam todos os dias por reconhecimento e respeito dos ocupantes dos grupos hegemônicos. “Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo [...] e os negros sempre

⁵ ADICHIE, Chimamanda. **Perigo de uma história única**, 2009. TEDGlobal. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br> acesso em: 10/10/16.

estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da poça e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: 'Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa!'. (ADICHIE, 2014a, p. 302)

A personagem Ifemelu, enquanto negra africana e representante do segundo nível da lista sistematizada neste trabalho, garante que suas opiniões sejam levadas em conta, e dispõe de sua experiência como imigrante nos EUA para se colocar na condição de observadora das organizações sociais do país.

Os apontamentos em *Americanah* (2014), quanto ao lugar do negro e da negra enquanto subalternos, também condizem com o cenário internacional atual dos conflitos raciais que tomam conta dos EUA, em que a guerra entre polícia e comunidade negra ganha proporções cada vez maiores, à medida que os que foram silenciados por tantos séculos se veem sem outra opção que não seja rebelar contra o sistema. Sistema esse que sempre mostrou inclinação para a opressão das minorias. Agora, protestantes vão às ruas de cidades como Baltimore, em Maryland, e Ferguson, no Missouri, para exigir que suas vozes sejam ouvidas. Que as minorias parem de ser perseguidas, que os jovens negros parem de ser agredidos, que parem de se encaixar em perfis de procurados, unicamente pela cor de suas peles. E suas reivindicações são o que consideramos o direito básico do ser humano ao respeito e ao tratamento igual independentemente de etnia ou classe social. Nesse sentido, Chimamanda dá um passo a frente ao racismo publicar um romance preocupado em representar o negro, e principalmente a negra, e esses personagens ocupam nas organizações sociais do século XXI, enquanto indivíduos subalternizados.

Ifemelu é *Americanah*. É aquela que se arriscou além-mar, obteve sua formação nos EUA e voltou com tantos costumes e perspectivas diferentes, mas não restritos. Teve acesso ao melhor e ao pior da cultura norte-americana. Pôde desenvolver sua visão crítica na condição de *outsider*, observar de que forma as relações se dão e compartilhar suas observações quanto à negritude e o peso que a cor da pele carrega com pessoas que se encontravam em situação parecida. E volta para sua pátria com a bagagem que acumulou ao longo de anos vivendo em meio a uma cultura que se impõe como absoluta, minimizando qualquer tentativa de diversidade proposta pelas minorias.

Ao ler o romance, aprendemos sobre o passado mais próximo, e o mais longínquo de Ifemelu, bem como o de Obinze. O foco narrativo varia nos mostrando por vezes a perspectiva de Ifemelu sobre o mundo, e, em outros momentos, a de Obinze. A cena mais explorada do romance é no salão de tranças Africanas em Princeton, onde Ifemelu trança os cabelos e se lembra de diversos eventos da sua vida, além de refletir sobre a recente escolha de retornar à Nigéria. Obinze é deportado de volta para o seu país. Enquanto reside nos EUA, Ifemelu escreve um blog onde registra suas percepções, questões e críticas culturais acerca das temáticas de raça, gênero e frequentemente discutindo a questão dos imigrantes em solo estadunidense.

Num movimento diferenciado, a narrativa mostra o diferente e desafia o olhar do leitor para interpretar que outro universo pode ser algo enriquecedor. Essas suposições nos mostra para o debate e que merecem maior detalhamento em futuros estudos e trabalhos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, CHIMAMANDA. **Hibisco roxo**, ed.1 São Paulo Companhia de letras 2011.
- ADICHIE, CHIMAMANDA. **Americanah**, 1 ed. São Paulo. Companhia de letras, 2014a.
- ADICHIE, CHIMAMANDA. **Sejamos todos feministas**, ed.2 São Paulo: Companhia de letras, 2014b.
- BARZOTTO, L. A. **Interfaces culturais: The ventriloquist's tale &Macunaíma**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.
- CARVALHO, Isaías Francisco de. **Subalternidade e a “Alminha Brasileira”**. Interdisciplinar, Ano 5, v. 10, p. 125-132, jan.-jun. 2010.
- COLLINS, Patrícia Hill. A construção social do Pensamento Feminista Negro. **Motivos comuns e Crossroads: raça, etnia e classe em Feminino**1989. p. 745-773.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- MOREIRA, Núbia Regina. **O FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2007.
- PERROT, M. **Minhas histórias das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Correa. São Paulo: 2008.
- WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.1
- WOOLF, Virginia. **A mulher na literatura** (vol. 3). Belo Horizonte, 2004
- ARRAES, Jarid. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>> Acesso em: 11/10/2016.